

GLOBALIZAÇÃO, CULTURA DA MÍDIA E EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A CAPACITAÇÃO DO/A PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO EM SERGIPE PARA UMA LEITURA CRÍTICA DO AUDIOVISUAL TELEVISIVO

Florisvaldo Silva Rocha¹ - flory_rocha@hotmail.com

Universidade Federal de Sergipe - UFS

RESUMO

Este artigo faz uma análise das relações que se estabeleceram entre a globalização, a cultura da mídia e a educação, destacando a necessidade de leitura crítica da mídia audiovisual e os esforços de construção desses conhecimentos que atuaram e atuam em Sergipe, desde a década de mil novecentos e oitenta, com destaque para o projeto Vídeo Escola, o curso de extensão a distância TV na Escola e os Desafios de Hoje e também, o curso de formação continuada a distância Mídias na Educação e seus desdobramentos.

Palavras-chave: Mídia. Educação. Leitura crítica.

ABSTRACT

This article analyzes the relationships established between globalization, media culture and education, highlighting the need for critical media and audiovisual building efforts such knowledge that acted and act in Sergipe, since the late nineteen and eighties, especially the Video School project, the extension course distance TV School and the Challenges of Today and also the continuing education course distance Media in Education and its aftermath.

Keywords: Media. Education. Critical Reading.

GLOBALIZAÇÃO E CULTURA DA MÍDIA

Em pleno século XXI a humanidade se depara e tenta assimilar a idéia de um mundo globalizado, um mundo cujas fronteiras se expandiram e as distâncias diminuíram à medida que os meios de comunicação se diversificaram e, com o suporte da tecnologia digital, tornaram-se mais versáteis, velozes e, também, mais dinâmicos. Esse novo mundo está cada vez mais ligado em rede e tem no desenvolvimento e na expansão das tecnologias de informação e comunicação (TIC), a base das atuais transformações. Como anteviu Marcelo Franco,

¹ Geógrafo, Doutor em Educação e atua como professor do departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: flory_rocha@hotmail.com

[...] o desenvolvimento das máquinas informacionais irá transformar radicalmente o mundo do fim do século XX, construindo um mundo cada vez mais ligado em uma rede de informação global. É a era em que o espaço geográfico vai sendo suplantado pelo Ciberespaço, este sem distâncias nem fronteiras. (FRANCO, 1997, p. 21)

Informamo-nos e nos comunicamos incessantemente por uma necessidade social e a expansão das possibilidades de algo tão essencial para a sobrevivência do homem quanto o alimento, o abrigo ou a roupa, entre outras coisas, significou um conjunto de novas possibilidades de atuação social, que para alguns se traduziu em melhoria na qualidade de vida e para outros, ao contrário, na perda dessa mesma qualidade.

Sem querer entrar nessa polêmica, o que é consenso mesmo é que hoje, os ditos meios de comunicação aceitos socialmente como o jornal; o rádio; a televisão; o telefone; o computador/*internet*; a revista; o livro; entre outros, que conhecemos de maneira geral por *mídia* – pronúncia inglesa para o termo latino *media* cujo significado é “conjunto de meios” – atuam entre nós e são considerados, também, bastante responsáveis por muitas das transformações sociais e culturais que acontecem no mundo globalizado.

A dinâmica cultural dos tempos atuais é impressionante. Nesse processo, povos de economias mais fortes no sistema capitalista disseminam elementos de suas culturas nos países economicamente mais frágeis que os consome com “naturalidade” e, com isso, forjam a criação de uma identidade cultural global, produzindo “cenários” culturais bastante diversificados, como apontou o etnólogo francês Jean Pierre Warnier em seus estudos sobre a mundialização da cultura,

Dança-se o tango argentino em Paris, o bikutsi de Camarões em Dacar, a salsa cubana em los Angeles. O MacDonald’s serve seus hambúrgueres em Pequim, a cozinha cantonesa é servida no Soho. A arte zen do tiro ao arco perturba a alma germânica. A baguete parisiense conquista o Oeste da África. Em Bombaim, pode-se ver o Papa nos telões. Os filipinos choram a morte da Princesa de Gales. (WARNIER, 2000, p. 9).

As reações advindas da circulação cultural de escala global são muitas e incertas, já que vão desde esperanças de um planeta democratizado por uma cultura universal, a uma perda irreparável de identidade das culturas locais. Porém, não há dúvidas que os *media* têm um grande papel nesse processo de globalização das culturas – chegando mesmo a confundir-se com ele – acelerando comunicações, difundindo imagens e sons, circulando informações, mas também, opinando, controlando etc. em suma co-produzindo o cotidiano das pessoas e passando a constituir-se numa cultura própria. Como disse Kellner:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. (KELLNER, 2001, p.9)

Esse processo vem se consolidando ao nível da cultura e atinge escala global revelada pelos fluxos culturais cada vez mais intensos na sociedade contemporânea e a escola não pode ignorá-lo já que tem como lastro o conhecimento e a cultura. Não esqueçamos que na escola, até bem pouco tempo, o único mediador do conhecimento sistematizado era, além obviamente do professor, o livro didático. Mas, hoje, os *media* ameaça essa configuração oferecendo à sociedade um conjunto de possibilidades de acesso aos conhecimentos e exigindo dos professores mais preparo para lidar com novas formas de ensinar e de aprender.

À escola hoje, diante do poder que vem adquirindo a ação desses meios modernos, cabe incorporá-los ao seu ambiente escolar, não só como recursos didáticos, mas também como conteúdos curriculares, objetivando produzir na sociedade um novo olhar sobre eles. Um olhar capaz de desvendar suas linguagens e suas ações de comunicação e de informação.

Sob pena de se consumir uma cultura massificada, produzida pelos próprios meios de comunicação e, ao mesmo tempo perder de vistas os elementos das culturas locais, a escola, espaço legítimo de transformação e lócus privilegiado de discussão, reflexão e ação, deve-se encarregar de proporcionar ao homem de hoje poder realizar essa leitura crítica e,

Compreender, na mídia, suas tendências, suas relações com o capital, suas ligações com grupos específicos, suas estratégias de produção etc. Buscar verdadeiramente investigar o espírito da mídia, que, indiscutivelmente, influencia as pessoas para que modifiquem seus valores, seus conceitos e suas atitudes, atributo conferido à educação embora, a televisão não tenha, como tem a escola, a explícita intenção de educar. (ROCHA, 2003, p.153).

Só um professor com conhecimento sobre os *media* pode produzir estratégias de ação e de discussão no âmbito da sala de aula, capazes de fazer com que o aluno se desperte para questões pouco perceptíveis ao senso comum, mas de muita influência social. Sem esse conhecimento, ao contrário, o professor fica impossibilitado de compreender, situar e se defender desse tipo de cultura, que mostra escondendo, que esclarece obnubilando, e que se impõe como cultura de massa. globalizada. Como vão os professores contribuir com a formação de sujeitos capazes de realizar uma leitura crítica, clara e segura dos “textos de circulação social” (MARCONDES et al, 2000, p.11), produzidos e disseminados pelos *media* se não forem devidamente preparados para isso? Afinal, esses textos que circulam

socialmente transformando o espaço são textos culturais, que segundo as pesquisas das práticas dos estudos culturais² desenvolvidas por Henry Giroux,

[...] não se referem simplesmente à cultura da imprensa ou à tecnologia do livro, mas a todas aquelas formas auditivas, visuais e eletronicamente mediadas de conhecimento que têm provocado uma mudança radical na construção do conhecimento e nas formas pelas quais o conhecimento é produzido, recebido e consumido. (GIROUX, 1995, p. 98).

Nesse sentido apontado por Giroux, entendemos que não só livros, mas, páginas eletrônicas, filmes, músicas, livros didáticos e programas de rádio e de televisão entre outros, enquadram-se como textos culturais e precisam estar na escola para serem lidos e discutidos criticamente por professores preparados. Daí qualquer ação educativa que desconsidere essa dimensão dos *media*, suas influências na sociedade e sua relação com o que se chama hoje de globalização, tende a errar o alvo do processo educativo.

A EXPANSÃO DO TEXTO CULTURAL TELEVISUAL

Se os *media* são de fato um conjunto de meios, cada *medium*³, porém, em si assume uma forma de agir que lhe confere identidade própria e poder. Destaco aqui, então, que a cultura da mídia segundo Kellner é “Constituída por sistemas de rádio, e reprodução de som [...] de filmes e seus modos de distribuição pela imprensa, que vai de jornais a revistas; e pelo sistema de televisão, situado no cerne desse tipo de cultura.” (KELLNER, 2001, p. 11).

O pesquisador Robert Lamb⁴ em suas pesquisas dos *media* audiovisuais no globo, garante que: “A década de 1990 viu a Televisão estender seu domínio como meio global de comunicação de massas. Em praticamente todos os lugares, a Televisão agora é citada como a primeira fonte de informações.” (LAMB, 1999, p. 296 e 297). Continua ele,

² A corrente dos Estudos Culturais aparece em meados do século XX, na Inglaterra e resulta de concepções teóricas e políticas contrárias às concepções elitistas e hierárquicas de cultura propagadas principalmente por Mathew Arnold e por Frank Raymond Leavis. De forte influência pós-estruturalista os estudos culturais buscam evidenciar entre outras coisas uma variada gama de artefatos que se encarregam de nos “contar” coisas, de negar nossas culturas e impor outras. Os nomes de Richard Hoggart, E. P. Thompson e Raymond Williams, figuram entre os que iniciaram os Estudos Culturais na Inglaterra. Com seu caráter altamente transnacional os Estudos Culturais crescem em todo o mundo e nomes como os de Henry Giroux, Shirley Steinberg, Stuart Hall, Douglas Kellner, Mariza Vorraber Costa entre outros já figuram como protagonistas de uma instigante discussão junto a essa corrente.

³ “Meio” em Latim.

⁴ Robert Lamb é diretor do *Television Trust for the Environment* (TVE), e representante do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), para quem realizou pesquisas sobre desenvolvimento dos *media* audiovisuais, transformando, pelo menos uma delas em relatório chamado *The bigger picture: Audio-Visual survey and recommendations* datada de 1997.

“Sete em cada dez residências do mundo possuem um aparelho de Televisão.” (LAMB, 1999, p. 297).

Certamente, de aproximadamente quinze anos para cá, é o *medium* de maior atuação no globo, não só como meio de comunicação de massas, mas, que também, vem crescendo com a proposta de segmentação, e com isso atingindo também, minorias. Os resultados das pesquisas de Lamb apontam que,

A televisão está crescendo tanto como meio de comunicação de massas quanto de minorias. Organizações que não fazem parte da mídia, com a proposta de despertar a consciência para o meio ambiente e para o desenvolvimento, têm novas oportunidades de dirigir suas mensagens a grupos de interesses específicos – mulheres, crianças e jovens -, assim como para grandes massas. (LAMB, 1999, p. 298).

Suas pesquisas também revelam que, “O artigo de consumo mais vendido no mundo não é o computador, e sim o aparelho de TV em cores” (LAMB, 1999, p. 296), e que, “[...] a televisão é o meio mais importante que existe para os órgãos de apoio ao desenvolvimento transmitirem mensagens para o público do mundo inteiro” (LAMB, 1999, p. 297). Lamb aponta, também, que, no mundo industrializado, praticamente, todas as residências possuem pelo menos um aparelho de televisão.

Com dados relativos ao ano de 1995, os resultados da pesquisa de Lamb apontam além de uma rápida expansão da televisão em países considerados pela Organização das Nações Unidas (ONU) como de baixa renda, que, “[...] o norte-americano médio passou mais tempo assistindo à televisão do que ouvindo rádio, navegando na internet, lendo jornais ou ouvindo música gravada, considerando juntos todos esses fatores” (LAMB, 1999, p. 297) e, também que “[...] um polonês passa mais tempo vendo TV do que um norte-americano; um malaio, tanto quanto um dinamarquês, ou um italiano tanto quanto um turco.” (LAMB, 1999, p. 297).

As pesquisas do professor e pesquisador das comunicações, Nelson Pretto, ao apresentar um histórico evolutivo dos “meios de comunicação”, também apontam que no final da década de 1990 “[...] o parque de televisores instalados no mundo seja da ordem de 820 milhões de aparelhos, numa média de 1,22 aparelhos por casa.” (PRETTO, 1996, p. 68).

Outra pesquisa realizada pelo *world Telecommunication Development Report* e, datada de 1996/97 mostra que a mais de uma década a televisão já estava presente em, aproximadamente, 66% das residências no mundo.

QUADRO 1 - Percentual de Casas com TV por Grupo de Renda⁵

Grupos de Rendas	% casas com TV do total de casas
Países de Renda Baixa	47,0
China	62,5
Índia	31,7
Países de Renda Baixa-Média	71,0
Filipinas	56,7
Polônia	91,9
Países de Renda Média-alta	89,6
Brasil	87,7
Coréia do Sul	99,3
Países de Renda alta	90,1
Estados Unidos	94,9
Cingapura	88,2
No Mundo Todo	65,9

Fonte: Dados *world Telecommunication Development Report*, 1996/97, da *International Telecommunications Union*

Há a possibilidade de contestarmos os critérios de classificação de renda desses países, bem como suas condições econômicas, sociais e políticas, mas mesmo assim, ponderadas estas questões, estes dados nos oferecem uma visão da posição que a televisão ocupa em países cujas condições citadas podem apresentar significativas diferenças.

Ao analisarmos o Quadro 1 percebemos que os países classificados como de alta renda apresentam índices altos de aparelhos de televisão por residência, como por exemplo: Coréia do Sul e Estados Unidos. Neles, a televisão está em quase todas as casas. Mas percebemos também que além dessa relação íntima entre a renda dos países e o número de casas com aparelhos de TV, países considerados, nesse Quadro 1, de renda baixa como a China e de renda baixa-média como a Polônia, apresentam índices bastante representativos de aparelhos de televisão por residência, e isto nos leva a pensar que o século XXI se inicia mediado pela televisão – e não por outro meio – devido a aceitação desse *medium*, em países de todas as rendas.

⁵ Este quadro foi retirado de: CAIRNCROSS, Frances. **O Fim das Distâncias**: como a revolução nas comunicações transformará nossas vidas. São Paulo, Nobel, 2000, p. 82.

O Brasil, nesta pesquisa classificado como país de renda média-alta, apresentou um índice de 87,7% de casas com TV, do total de casas. O Censo realizado no ano de 2000, praticamente confirmou os dados acima e apontou que 87,23% dos domicílios brasileiros, possuíam aparelho televisor na virada do século (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000, 2005). Uma década depois, no censo do ano de 2010, observou-se um crescimento de mais de 7% nesses números, apontando um índice de 95,1% de casas que possuíam aparelhos de TV⁶ (Idem, 2010, 2012).

A democratização da televisão no Brasil, desde os governos militares, intensificada pelas vendas através de crédito nos governos civis do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), podem ser apontados como facilitadores do acesso e promotores de uma plena aceitação e uma máxima penetrabilidade do *medium* nas diversas camadas sociais.

Este conjunto de resultados de pesquisas sobre o avanço e a penetração dos aparelhos televisores nos dá uma dimensão de sua aceitação social no mundo. A televisão, portanto, está inserida, bem no cerne da cultura própria dos *media* e, obedecendo a um modelo industrial de fabricação de produtos culturais em série, se apresenta, pretensiosamente, como fonte de conhecimentos, entretenimentos e informações, entre outras coisas, e, assim vai multiplicando a quantidade de aparelhos espalhados pelo planeta e assegurando que suas influências possam ser sentidas por todos os recantos.

Essa expansão contribui, também, para a hegemonia da TV. Rocha, ao comentar alguns pontos que fazem da televisão hegemônica, diz, “[...] este, aliás, é o meio de comunicação de maior penetrabilidade e que exerce maior influência na vida das pessoas, pois possui som, imagem dinâmica e colorida e permite algum tipo de interação” (ROCHA, 2002, p.153). Some-se a isso o fato de não depender diretamente, como é o caso do livro e do computador, por exemplo, da cultura letrada para o acesso imediato.

É, também, o primeiro *medium* até então a “[...] modificar, e essencialmente, a própria natureza da comunicação, deslocando-a do contexto da palavra (seja impressa ou transmitida pelo rádio) para o contexto da imagem. A diferença é radical” (SARTORI, 2001. p. 21).

⁶ No estado de Sergipe, uma consulta aos Censos 2000 e 2010, revelou que, para uma população de 1.784.475 habitantes foram registrados 1.474.203 aparelhos de Televisão quase um aparelho por habitante, perfazendo 82%, e em 2010 esse índice já era de 96%, maior que o índice nacional.

Embora o acesso às suas imagens seja fácil, a sua leitura, entretanto, exige a decodificação de símbolos imagéticos e a articulação entre imagem e som, entre outros conhecimentos.

Poder ler a televisão e reconhecer a sua cultura constituem competências fundamentais indispensáveis na sociedade contemporânea midiabilizada e capitalista, pois “[...] para quem viveu imerso, do nascimento à morte, numa sociedade de mídia e consumo é, pois, importante aprender como entender; interpretar e criticar seus significados e suas mensagens” (KELLNER, 2001, p.10) principalmente quando essa cultura da mídia explora a tecnologia mais avançada, “[...] uma cultura high-tech” (KELLNER, 2001, p.10), ativando um setor da economia altamente lucrativo. Demo sobre isso adverte-nos que “[...] quando o conhecimento dorme na mesma cama do capitalismo, o adultério é flagrante.” (DEMO, 2000, p.59)

Não que outros *media* não sejam importantes de serem discutidos nessa nova ordem global, mas é preciso clareza para entender que a forma de linguagem adotada nessa nova ordem é, principalmente, imagética, cabendo, até agora, à televisão o papel principal como veículo que melhor produz e difunde esse tipo de linguagem na sociedade.

Por transmitir imagens do passado, presente e “futuro”, de qualquer lugar do globo e, até mesmo, de fora dele, a televisão se autodenomina “uma janela aberta para o mundo”. Mas obviamente, é “uma janela aberta para o mundo” da própria televisão, o mundo que ela mesma produz. A idéia que ela nos tenta passar é que: basta, apenas, nos prostrarmos diante dela e nos deixarmos inundar por suas imagens, seus sons e narrativas para que nos sintamos plenamente saciados e quase onipresentes. Vale dizer que esse raciocínio é frequente encontrar na escola, o audiovisual como possibilidade de ilustração do conteúdo, basta nos deixarmos conduzir pela imagens e aprenderemos, negligenciando muita coisa sobre ele, principalmente sobre sua influência.

Disse o canadense Marshall McLuhan, um dos primeiros e mais intrigantes teóricos da comunicação na era eletrônica, “[...] eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila.” (MCLUHAN, 1979, p. 19). É como se ele quisesse dizer que a era eletrônica dos *media* interligasse todo o globo e de certa forma o contraísse às dimensões de uma vila, uma aldeia.

McLuhan, também, comenta sobre as transformações ocorridas na década de 1950 nos Estados Unidos – período de popularização da televisão na América do Norte – e

nos dá uma idéia das influências imputadas ao aparecimento desse *medium*, bem como de sua amplitude ao nível da cultura. Segundo ele:

Nestes dez anos, o novo gosto americano em matéria de roupa, alimentação, alojamento, diversão e veículos exprime o novo padrão de inter-relação de formas de desenvolvimento do tipo ‘faça você mesmo’ gerado pela imagem da TV. (MCLUHAN, 1979, p. 360).

Não há neutralidade. Ele considera, inclusive, que há algo mais que o conteúdo numa mensagem televisiva, ou radiofônica ou, ainda, quando o meio é impresso. Para Mcluhan, “[...] o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1979, p. 21). Maria Luiza Belloni, em seus estudos sobre Mídia-Educação, aponta, ao interpretar Mcluhan, que ao transmitir a mensagem “[...] o meio transmite também algo mais que lhe é inerente e que age sobre o conteúdo, transformando-o.” (BELLONI, 2001, p. 6). Isso anuncia uma linguagem própria do meio.

A televisão é hoje, seguramente, o *medium* de maior impacto ao nível da cultura. Sua aceitação é plena. Aparentemente, mais que qualquer outro, ela promete atender as necessidades do homem, de informação, conhecimento e entretenimento a qualquer hora do dia e da noite e por um preço relativamente acessível. A televisão ocupa os diversos espaços da sociedade, ela está em todos os lugares: nos lares, nas pizzarias, nos *shoppings*, nos restaurantes, nos consultórios, nas delegacias, nas farmácias, nas academias, nos táxis, nas repartições públicas, (nas escolas?) e também nos telefones celulares”⁷. Enfim, não há lugar na sociedade que ela não esteja marcando a sua hegemônica presença e contribuindo, com isso, para fortalecer a cultura da mídia.

LEITURA AUDIOVISUAL EM SERGIPE: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Para se compreender a linguagem audiovisual, que é própria da televisão, e suas influências, exige-se uma leitura crítica e criativa, que deve ser aprendida a partir das instituições educacionais. Em Sergipe desde a segunda metade da década de 1980 algumas ações foram sendo desenvolvidas para garantir conhecimento ao profissional da educação para lidar com a linguagem audiovisual. Destacaremos três ações que consideramos mais relevantes nesse processo: Projeto Vídeo Escola, Curso Tv na Escola e os Desafios de Hoje e, Curso Mídias na Educação.

⁷ Essa possibilidade depende da implantação da TV Digital.

A primeira ação, o projeto Vídeo Escola, foi orientada para o uso do audiovisual, especificamente o vídeo, como tecnologia educacional em sala de aula, na década de oitenta e noventa, implantado e desenvolvido pelo governo do estado de Sergipe. Selecionar, assistir e discutir os vídeos disponíveis, essa era a essência do projeto.

Não se encontram muitos dados sobre essa experiência que foi pioneira em Sergipe, porém Linhares (1997) pesquisando o projeto constatou que os sujeitos da escola (professores e alunos) eram “[...] telespectadores de muitas horas diárias de exposição à TV e vêm-na com satisfação e prazer, aprendendo com ela e a partir dela, reproduzindo hábitos e costumes culturais” (LINHARES, 1997, p.98), mas, essas características não foram consideradas na prática pedagógica desses professores, pois, “[...] as propostas de uso da imagem através da televisão e do vídeo na escola, ocorrem ainda de forma isolada e carregada da visão maniqueísta, dividida segundo a classificação tão conhecida do Umberto Eco, entre os ‘apocalípticos e integrados’⁸.” (LINHARES, 1997, p.98).

Obviamente, há algum tipo de mudança nas relações comunicacionais desenvolvidas na escola a partir do projeto Vídeo Escola, mas, por outro lado e principalmente, uma das maiores falhas do projeto foi, “[...] a falta de conhecimento dos professores sobre as novas tecnologias da comunicação” (LINHARES, 1997. p. 8), e mais ainda que,

[...] o projeto Vídeo Escola em Aracaju, ainda não contribui efetivamente, para a mudança da mentalidade com relação a presença destas imagens, trazidas a sala de aula pelo Vídeo e a Televisão, e conseqüentemente com o questionamento das metodologias utilizadas pelo professor desses meios como tecnologias educacionais. (LINHARES, 1997, p. 98).

O projeto Vídeo Escola, como se viu, foi o precursor das tentativas de preparar os profissionais da educação em Sergipe para lidar com as novas tecnologias e suas linguagens, mas não conseguia relevantes resultados na mudança de mentalidade do professorado.

A segunda ação foi o aparecimento, no ano 2000, do curso de capacitação a distância TV na Escola e os Desafios de Hoje, oferecido através da Secretaria de Educação a Distância (Seed) do Ministério da Educação (MEC), criada em 1996 “[...] no bojo de uma política que privilegia a democratização e a melhoria da qualidade da educação brasileira [...]” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2001, p. 5), em

⁸ Apocalípticos e Integrados constitui-se numa obra do pesquisador Umberto Eco, lançada em 1965 que trata da cultura popular e os meios de comunicação através de uma série de ensaios que examinam as diferentes posturas da sociedade ante a cultura de massa.

parceria com a Universidade Virtual Pública do Brasil (UniRede)⁹, criada em 1999, que “[...] objetiva melhorar o ensino público no Brasil usando a educação a distância – EAD.” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2001, p. 7). Tanto a Seed, quanto UniRede respaldadas pelo artigo 80 das Disposições Gerais da Lei 9394/96, a qual estabelece que, “[...] o poder público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada.” (BRASIL, 2000, p. 46).

Em Sergipe, este curso foi efetivado em parceria entre a Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Secretaria de Estado da Educação Desporto e Lazer (SEED). Teve um total de quatro grandes edições sucessivas cuja última findou em abril de 2004 e uma edição residual em 2005, no total teve 3144 (três mil cento e quarenta e quatro) cursistas que iniciaram as atividades e destes, 1099 (um mil e noventa e nove) que chegaram ao final. Tive a oportunidade de participar da aplicação do curso na qualidade de tutor na primeira edição que finda em 2001.

O curso TV na Escola e os Desafios de Hoje teve como base a programação da TV Escola um dos Programas¹⁰ da Seed/MEC, que consiste num canal de televisão próprio para a educação com fins de divulgar produções pedagógicas em diferentes áreas do conhecimento as quais deveriam ser gravadas nas escolas e dessa forma garantir a educação continuada dos professores em serviço e na modalidade a distância, e também, de forma secundária, possibilitar o uso em aulas com fins de melhorá-las. Esse projeto iniciou as suas operações, experimentalmente, no dia 4 de setembro de 1995 e, definitivamente, seis meses depois, no dia 4 de março de 1996, via satélite Brasilsat 1 e se propunha transmitir,

[...] via satélite, em circuito fechado, ou através de recepção por antena parabólica, uma programação especial dirigida aos docentes e discentes das escolas públicas, [...] numa perspectiva crítica e interdisciplinar. (REVISTA DA TV ESCOLA, 1996, p.15).

⁹ A Universidade Virtual Pública do Brasil, uma universidade em rede, foi oficialmente lançada no dia 23 de agosto do ano 2000, em forma de consórcio, hoje conta com 80 instituições públicas de ensino superior, objetivando democratizar a educação através de cursos a distância. Na sua página na *internet* (www.unirede.br) estão disponíveis sua trajetória e suas atividades.

¹⁰ Este programa faz parte de um grupo de programas “[...] de abrangência nacional, com os objetivos de valorizar a escola pública e reduzir a exclusão tecnológica.” (Seed/MEC/UniRede, 2001, p. 6), a exemplos do Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo), do Programa de Formação de Professores em Exercício (Proformação) e do Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a Distância (Papad).

Com esse modelo, a televisão passou a ser o principal meio de capacitação de professores adotado pelo governo brasileiro a partir de 1996. Porém, pesquisas mostraram que esse modelo de capacitação não estava surtindo o efeito esperado, pois os professores sentiam-se despreparados para lidar com as novas tecnologias (TV e vídeo cassete) na escola.

É bom salientar que o programa TV Escola nasce não como fruto das discussões entre sociedade e governo, mas sim, num contexto no qual a educação está atrelada aos conceitos de mercado nos quais a esfera da cidadania é atropelada pela esfera do consumo guiada pelos ideários das políticas neoliberais e seus investidores, para os quais números são o que interessam.

É, pois, sob toda esta contextualização econômico/político/legal, que o programa TV Escola é concebido. Sob essa ótica é que se tem “[...] estimulado a utilização de novas tecnologias.” (NEVES Apud MELO, 1998, p. 20) e também, “[...] de novas formas de organização da produção e do trabalho, exigindo, conseqüentemente, da força de trabalho, um maior nível de escolarização.” (NEVES Apud MELO, 1998, p. 20). Esse programa de treinamento de professores a distância não demorou a mostrar suas falhas que foram apontadas em várias pesquisas¹¹ realizadas em todo o Brasil.

O fracasso do TV Escola não se deu apenas porque os professores não tinham tempo para gravar as fitas ou porque não sabiam manusear corretamente os aparelhos, originou-se mesmo na sua total falta de articulação com os próprios sujeitos do processo, alijados de sua preparação, mas com o dever de sua inserção e aplicação.

Fausto Neto ao analisá-lo diz:

De alguma forma, este projeto pode ser caracterizado como um ‘pacote’. Além do seu processo de produção que se realiza na esfera técnico-política e de especialistas, sem maior interferência das bases pedagógicas das escolas, se trata de um conjunto de instruções, regras e normas que são repassadas sistematicamente pela esfera da produção às escolas. (FAUSTO NETO, 2001, p. 25).

Esse programa “pacote” cai sobre a escola e o professor sem levar em consideração suas idiossincrasias, sem pensar a assistência técnica e sem envolver as universidades públicas na sua implantação e acompanhamento. Tudo isso somada à falta de uma qualificação própria e adequada do professor para o uso da tecnologia,

¹¹ Na página do Portal Seed, na *internet* pode-se encontrar vários arquivos disponíveis para *download*, contendo relatórios de *workshops* e reuniões contendo dados avaliadores do desempenho parcial da *TV Escola* em alguns estados brasileiros, o link é: <http://portal.mec.gov.br/seed/index2.php?option=content&task=view&id=86&pop=1&page=0&banco>

capacitando-os a lidar com a linguagem audiovisual, a questioná-la, criticá-la e reorganizá-la didática e pedagogicamente, forjam seu fracasso.

Foi, pois, nesse contexto de imposição e fracassos que nasceu o curso de extensão a distância TV na Escola e os Desafios de Hoje que, segundo Nunes,

[...] foi uma forma ‘intencional’ que a Secretaria de Educação a Distância encontrou para salvar o projeto TV Escola que, apesar de sua estrutura e ideologia, não estava surtindo os resultados esperados. (NUNES, 2003, p. 63).

A proposta de leitura crítica deu-se no curso TV na Escola e os Desafios de Hoje a partir das atividades desenvolvidas em 3 (três) módulos. Cada um destes módulos correspondeu a 60h, juntos totalizavam 180h podendo, entretanto, serem cursados de forma independente, de modo que cada módulo equivaleu a uma certificação. O curso todo deveria ser aplicado em 6 meses, e o conjunto das atividades trouxe expresso nos objetivos a preocupação em ativar, nos cursistas, uma base teórico/prática/conceitual de conhecimentos cientificamente validados na interface educação e novas tecnologias. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2000, p. 3 e 4).

Tais conhecimentos pretenderam provocar mudanças nas posturas didático-pedagógicas cotidianas dos cursistas, especialmente no trato com televisão e vídeos a partir da sua linguagem. Numa tentativa clara de fazer com que os professores fizessem uma leitura crítica e criativa dos programas da televisão, fossem capazes de selecioná-los, interpretar contextualmente seus conteúdos e a forma como são produzidos, mas tomando sempre como base o acervo do programa TV Escola. Tudo isso visando a transformação da sua prática pedagógica e, também, a sua formação continuada.

Pesquisas realizadas durante e depois da passagem desse curso em Sergipe, apontam, também que, assim como foi detectado no projeto Vídeo Escola, havia um despreparo do professorado para lidar com as chamadas novas tecnologias e, também que a razão de cem cursistas para um tutor não possibilitava atendimento adequado às necessidades dos cursistas, bem como que a equipe que aplicava o curso não teve preparação para lidar com a EaD, entre outros problemas. A partir de uma pesquisa sobre a ação educativa do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje em Sergipe, constatou-se, em conclusão, que ao final “[...] a maioria demonstrou um olhar passivo que não identifica a manipulação e que pouco se aprofunda, mantendo-se sempre na superficialidade do senso comum.” (ROCHA, 2008, p. 170).

A terceira ação é o curso a distância Mídias na Educação, que também foi concebido pela Seed/MEC e implementado em 2006 em substituição ao curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, com os objetivos de:

Destacar as linguagens de comunicação mais adequadas aos processos de ensino e aprendizagem; incorporar programas da Seed (TV Escola, Proinfo, Rádio Escola, Rived), das instituições de ensino superior e das secretarias estaduais e municipais de educação no projeto político-pedagógico da escola e desenvolver estratégias de autoria e de formação do leitor crítico nas diferentes mídias. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2006, p.3).

Diferente dos seus antecessores, esse curso não se restringe apenas a discutir a linguagem audiovisual (TV e Vídeo), mas incorpora uma reflexão também sobre outros meios, especificamente sobre os impressos, o áudio, a informática, o rádio e também a gestão das mídias.

É também um curso modular possuindo da mesma forma que seu antecessor certificação independente por ciclo. O curso mídias na educação possui três ciclos: um básico de extensão, com 120h, um intermediário de aperfeiçoamento de 60h e um avançado de especialização de 180h perfazendo um total de 360h.

Ao contrário do TV na Escola e os Desafios de Hoje que basicamente utilizava apenas a comunicação telefônica ou por carta entre os cursistas e os tutores e coordenadores, o curso Mídias na Educação, acontece através de discussões que são estimuladas pelos coordenadores, tutores e os próprios cursistas como base em leituras e discussões sugeridas na plataforma e-proinfo, um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) acessado por computadores conectados a *internet*.

Não há ainda pesquisas disponíveis que avaliam, em Sergipe, o curso Mídias na Educação, o que dificulta uma análise mais clara. Mas, não se pode negar que, diferente do seu antecessor, o Mídias como é chamado, tem um maior nível de organização curricular e distribui a discussão sobre a linguagem audiovisual em todos os seus ciclos, possuindo no ciclo avançado uma disciplina sobre essa temática. Isso faz com que os cursistas que participam de todos os 3 ciclos possam discutir e analisar de forma gradual a linguagem audiovisual e suas implicações educacionais, sendo estimulados a aplicar esses conhecimentos em sala de aula.

No final do ano de 2009 o curso Mídias na Educação, passou a ser aplicado por um convênio entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Universidade Aberta do Brasil (UAB) com uma configuração diferente. Para

atender a demanda de professores que não participavam do curso por não ter formação de nível superior, o ciclo básico e o intermediário foram fundidos e compõem agora um curso de extensão com 160h, enquanto que os professores com nível superior participam do avançado em nível de especialização com 360h, ambos, o básico e o avançado, são agora independentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que representa, hoje, a linguagem audiovisual no universo midiático e sua repercussão no fazer social, tendo aqui a globalização como uma referência desse fazer, entendemos que as propostas para a formação audiovisual do professor aqui apresentadas não deram conta da formação crítica e criativa. Por motivos diferentes cada uma delas fracassa nessa perspectiva de formação, limitando-se ao cumprimento de funções conteudistas mais atribuídas à pedagogia tradicional.

Muitas questões importantes ao processo de ensino e aprendizagem sobre o audiovisual ficaram de fora nessas propostas. A exemplo podemos apontar a ausência nas três propostas da exigência da produção do audiovisual como parte do currículo da formação dos professores, separando, nesse processo de alfabetização, o ato de ler do ato de escrever e, por associação, disseminando ao professor a ideia de que já que é dispensável a produção do audiovisual em sua formação sobre audiovisual, então, por dedução é dispensável também aos alunos esse ato na formação deles. Outra questão que merece destaque é não utilização do audiovisual televisivo que faz parte do cotidiano do aluno como temática das discussões das aulas. Os audiovisuais que compõem as grades dos currículos, nas propostas que discorreremos, são selecionados diretamente para os cursos. As telenovelas, os telejornais, filmes, programas esportivos e de auditório, entre outros, da preferência dos sujeitos, os quais eles assistem regularmente, não estão no planejamento das atividades audiovisuais desses cursos. Mas, sabemos a partir da perspectiva crítica, que são estes audiovisuais que tem maior influência junto à formação de opinião desses sujeitos, seus telespectadores assíduos e, portanto, deveriam ser estudados por eles.

De acordo, então, com o que vimos neste texto, as experiências de formação de professores para usar didática, crítica e criativamente o audiovisual na sala de aula,

carecem de estar fundamentadas em seus próprios sujeitos, tomando-os como seres ativos da formação.

E outra coisa é que toda essa inabilidade na formação audiovisual a partir da escola tem muito a ver, também, com a forma verticalizada de introdução das TIC nas escolas, onde os próprios sujeitos não são ouvidos nesse processo de implantação.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luíza. **O que é Mídia-Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 3. ed. Brasília: MEC, 2000.

CAIRNCROSS, Frances. **O Fim das Distâncias**: como a revolução nas comunicações transformará nossas vidas. São Paulo, Nobel, 2000.

DEMO, Pedro. **Saber Pensar**. São Paulo, Cortez (Instituto Paulo Freire), 2000.

FAUSTO NETO, Antonio. **Ensinando à Televisão**: Estratégias de Recepção da TV ESCOLA. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

FRANCO, Marcelo Araújo. **Ensaio sobre as Tecnologias Digitais da Inteligência**. Campinas - SP, Papyrus, 1997.

GIROUX, Henry. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, Tomás Tadeu. (Org.) **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo **Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em 15 mar. 2005.

_____. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em 11 out. 2012.

KELLNER, Douglas. **A CULTURA DA MÍDIA**. São Paulo, Edusc. 2001.

LAMB, Robert. A Paisagem da Mídia Audiovisual no Globo. In: CARLSSON, Ulla; Von FEILITZEN, Cecília. (Orgs.). **A Criança e a Violência na Mídia**. São Paulo: Cortez; UNESCO, 1999.

LINHARES, Ronaldo Nunes. **Vídeos na Educação Escolar: A Experiência do Vídeo-Escola em Aracaju**. São Cristóvão, NPGED/UFS, 1997, Dissertação de Mestrado.

MARCONDES, Beatriz et alli. **Como Usar Outras Linguagens na Sala de Aula**. São Paulo, Contexto. 2000

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**. São Paulo, Scipione. 1994.

_____. **O Espelho e a Máscara. O enigma da comunicação no caminho do meio**. São Paulo. Discurso Editorial, Editora Unijuí. 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.

NUNES, Andréa Karla Ferreira. **Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje – Sua Materialização em Sergipe**. 2003. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2003.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma Escola Sem/Com Futuro. Educação e Multimídia**. São Paulo, Papyrus, 1996

MELO, Adriana Sales de. **Educação e Hegemonia no Brasil de Hoje**. Maceió: Adufal, 1998.

REVISTA DA TV ESCOLA, Brasília, v. 2, n. 2, mar./abr. 1996.

ROCHA, Florisvaldo S. Meios de Comunicação e Educação: um enfoque didático. In: **Anais da IV Semana da Educação**. São Cristóvão. UFS, jul/2003.

_____. **Ler Televisão: Limites do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje em Sergipe**. 220f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns: Televisão e Pós-pensamento**. São Paulo, Edusc, 2001

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Ministério da Educação. UniRede. **Guia do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje**. 2. ed. Brasília: UnB, 2001.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Ministério da Educação. **Projeto do Curso de Extensão para Professores do Ensino Fundamental da Rede Pública**. Brasília, out./dez. 2000.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Ministério da Educação. Universidade Aberta do Brasil. Projeto do **do Curso Mídias na Educação**. Brasília, 2006.

WARNIER, Jean-Pierre. **A Mundialização da Cultura**. Bauru –SP, EDUSC, 2000.